

MAS ISSO TAMBÉM É FUTEBOL?

ALGUNS PONTOS DE VISTA SOBRE O ESPORTE/ BRINCADEIRA QUE PARA O PAÍS

ESP. ANÁLIA SUDÁRIO FARIA

Especialista em Educação Física Escolar pela FEFISO – SP

Professora da Rede Municipal de Votorantim – SP

DRANDO. RUBENS ANTONIO GURGEL VIEIRA

Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Professor da FEFISO – SP

Resumo | Conhecido como “país do futebol” é comum que de quatro em quatro anos o assunto “Copa do Mundo” seja abordado nas escolas brasileiras e que a Educação Física seja o “carro chefe”. Observando o material enviado aos professores da rede municipal, o currículo fundamentado na Base Nacional Comum Curricular e, ainda, que para a Educação Física era destinada a prática motora, o seguinte relato de experiência mostra como o tema foi abordado em duas escolas da rede municipal em Votorantim/SP com alunos de 5º ano. A motivação para o desenvolvimento sob outra ótica surgiu do mapeamento dos alunos, que não estavam familiarizados com o evento ou não gostavam de jogar futebol por não terem habilidade. Esta forma de abordagem possibilitou vivências de futebol que não fossem apenas chutar.

Palavras-chave | Futebol; Escola; Cultura

BUT IS THIS FOOTBALL ALSO? SOME POINTS OF VIEW ON THE SPORT / JOKE WHO STOP THE COUNTRY

Abstract | Known as “soccer country”, it is common that every four years the theme “World Cup” is addressed in Brazilian schools and that Physical Education is the “flagship”. Observing the material sent to the teachers of the municipal network, the curriculum based on the National Curricular

Common Base, and also that Physical Education was intended for motor practice, the following experience report shows how the subject was approached in two municipal schools in Votorantim/SP with 5th year students. The motivation for development from another perspective came from the mapping of the students, who were not familiar with the event or did not like playing football because they did not have the ability. This approach enabled soccer experiences that were not just kicking.

Keywords | Football; School; Culture

¿PERO ESO TAMBIÉN ES FÚTBOL? ALGUNOS PUNTOS DE VISTA SOBRE EL DEPORTE / BRINCADOR QUE PÁRA EL PAÍS

Resumen | “Conocido como” país del fútbol “es común que cada cuatro años el tema” Copa del Mundo “sea abordado en las escuelas brasileñas y que la Educación Física sea el” coche jefe “. El siguiente relato de experiencia muestra cómo el tema fue abordado en dos escuelas de la red municipal, observando el material enviado a los profesores de la red municipal, el currículo fundamentado en la Base Nacional Común Curricular y, además, que para la Educación Física era destinada a la práctica motora, el siguiente relato de experiencia muestra cómo el tema fue abordado en dos escuelas de la red municipal en Votorantim/SP con alumnos de 5º año. La motivación para el desarrollo bajo otra óptica surgió del mapeo de los alumnos, que no estaban familiarizados con el evento o no les gustaba jugar al fútbol por no tener habilidad. Esta forma de enfoque posibilitó vivencias de fútbol que no fueran sólo patear.

Palabras clave | Fútbol; Escuela; Cultura

INTRODUÇÃO

Na década de 1960, ainda na França, país que influenciou na expansão da Educação Física nos centros educacionais brasileiros, o discurso social e educacional pregava ser necessário “impor e organizar o esporte nas atividades escolares e pós-escolares” (BOULCH, 2008), isto após o país não ter obtido o sucesso esperado nos Jogos Olímpicos então recém-disputados.

Podemos observar claramente essa ênfase dada ao esporte neste período segundo a fala de Boulch (2008) que diz:

A orientação política era clara: promover a prática esportivista num país que, até então, e por tradição intelectual, praticamente não se interessava por esse problema, considerando-o secundário(...). Evidentemente que esse era um objetivo mais específico e, portanto, seria mais eficiente que as tentativas de renovação de uma Educação Física que ainda necessitava definir suas metas. (p. 54)

Segundo Neira e Nunes (2009) na pedagogia tecnicista o conhecimento existente é neutralizado, inquestionável. Considerando que o futebol é um tema de relevância social e cultural importante na comunidade em que as escolas que leciono estão inseridas, e considerando o que Neira (2014) afirma sobre a importância de proporcionar situações pedagogicamente organizadas:

Para que a criança tenha condições de compreender a ocorrência do fenômeno esportivo e, assumindo sua condição de sujeito da cultura, possa atribuir-lhe novos significados. O objetivo deve ser estabelecer uma relação mais crítica e qualificada com o esporte, ser capaz de entendê-lo e produzi-lo na escola em conformidade com as características do grupo.

(...) É importante frisar que o esporte também pode se constituir em uma experiência estética e prazerosa para todas as crianças. Para tanto, é imprescindível experimentar a condição de autoras, elaborando novas formas de fazer. (NEIRA, 2014, p.139).

Conduzi o projeto da “Copa na Escola” buscando envolver os alunos que já gostavam do esporte tradicional e os que não gostavam por se sentirem incapazes de praticá-lo, e ainda os que não sentiam afinidade com o tema e por isso tinham pouquíssima vivência e informação desta prática.

DESENVOLVIMENTO

Os principais motivos que me levaram a adaptar o projeto sugerido foram: tirar o foco do desenvolvimento motor (passe, domínio de bola, chutar com os dois pés alternadamente), o que privilegia os alunos que já têm habilidade no futebol; e conseqüentemente possibilitar que mais alunos fossem protagonistas de suas próprias práticas. Considerei necessário, além de envolver os alunos nas práticas, leva-los a refletir sobre a riqueza das brincadeiras presentes no dia a dia deles e da comunidade,

mas não sem relacioná-los à “Copa do Mundo”, já que 2018 foi ano de mundial e as escolas da rede municipal de ensino de Votorantim/SP haviam recebido sugestões de projetos sobre o tema. O produto final seria um torneio interclasses.

O trabalho relatado a seguir foi desenvolvido em duas escolas municipais da rede de ensino da cidade de Votorantim. Duas turmas de 5º ano da escola Izabel Ferreira Coelho, e duas turmas de 5º ano da escola Maria Luiza Jacowicz. Ambas sofrem com problemas de infraestrutura e estão localizadas em regiões marginais da cidade, com pouco acesso a recursos didáticos.

A sequência das aulas foi diferente nas duas escolas, principalmente por motivos de cronograma e apresentação do produto final em cada uma, o que foi decidido pelas direções e coordenações após conversa com os professores. A escola Maria Luiza Jacowicz realizaria sua festa junina no começo do mês de junho, o que coincidiria com o período em que eu havia planejado, inicialmente, para encerrar o projeto (antes da Copa do Mundo de Futebol FIFA 2018).

A principal questão encontrada foi trabalhar dança e futebol ao mesmo tempo. Cabe salientar que na época do desenvolvimento do projeto eu era a única professora de Educação Física regular na escola Izabel Ferreira, e na Jacowicz trabalhava com mais dois colegas, o que também interferiu no produto final, visto que o projeto da “Copa na Escola” envolvia todas as classes e séries, além de professores e disciplinas.

As aulas foram iniciadas primeiramente na escola Izabel Ferreira, no final do mês de março, através de práticas que envolviam atividades que os alunos já conheciam, porém com variações onde deveriam utilizar o chute ou condução da bola com os pés (como a brincadeira “Jokenpo na linha”- onde duas crianças percorrem o mesmo caminho partindo de pontos opostos e, ao se encontrarem, realizam a disputa¹). Em aula

1. O jokenpô, também conhecido como a brincadeira da pedra, papel e tesoura, consiste em um jogo de mãos recreativo em que os jogadores devem apresentar simultaneamente gestos com as mãos que representam os objetos que dão nome à atividade. Para chegar à vitória, o gesto pedra vence o gesto tesoura, que vence o gesto papel, que por sua vez encerra o ciclo vencendo o gesto pedra. Gestos repetidos significam empate.

posterior os alunos ainda fizeram a atividade de “pebolim humano” – adaptação do jogo de futebol de mesa também conhecido como “Totó”, onde os “jogadores” são fixados um ao outro por barras de ferro, apenas tendo os movimentos de deslocamento lateral e chute quando as barras são movimentadas por quem está jogando - e “roda de futebol com as mãos”, atividade em que, quando um aluno toma um gol pelo vão das pernas (que ficam afastadas lateralmente, mas pé com o pé com o colega), deve virar de costas para o centro da roda.

Em ambas as aulas as atividades foram bem aceitas pelos alunos, embora alguns se sentissem inibidos quando a habilidade de chutar era solicitada.

A necessidade de novas visões e abordagens sobre o tema futebol na escola surgiu do pensamento de Neira e Nunes (2014), que diz que:

No currículo real da Educação Física, identificamos práticas conservadoras como: a determinação de modalidades da cultura corporal de tradição euro-americanas, cristãs, brancas e masculinas (ginástica, futebol, handebol, basquete e voleibol, por exemplo). Negam-se os saberes dos alunos que apresentam outras formas de jogar, dançar, lutar, cantar que se afastem das já conhecidas pelos professores, a obrigatoriedade de não ficar parado nas aulas, entre outras. (p.91).

Depois de duas aulas onde a prática de atividades ligadas ao futebol estava sendo desenvolvida, fizemos uma roda de conversa onde pude ouvir os alunos sobre o que sabiam a respeito do tema e de como eles viam o futebol no seu dia a dia. O que falavam era anotado e fizemos uma lista com atividades vivenciadas pelos alunos fora da escola. Percebi que as respostas à pergunta “que tipo de futebol vocês conhecem” começaram por práticas que tinham “futebol” no nome, como: futsal, futebol de praia, futebol de sabão, futebol de rua, futebol de campo. Depois outras brincadeiras praticadas em ambientes não formais foram citadas, como: gol a gol, travessão, futebol de botão, drible, pênalti, bobinho, dois toques é touro, artilheiro, mata-mata, pebolim, FIFA, embaixadinha, 21.

Nesta aula, pesquisamos vídeos na internet que mostravam a prática de algumas das atividades citadas, pois nem todos conheciam. Além dos vídeos os próprios alunos que falavam algum item para ser acrescentado

à lista explicavam a sua prática. Depois discutimos quais das atividades poderíamos fazer nas aulas de Educação Física.

Levando em consideração os espaços utilizados para as aulas de Educação Física na escola Izabel Ferreira Coelho, começamos pela manhã com a turma praticando na quadra as brincadeiras “Gol a Gol” (jogo de 1 contra 1 em que o jogador deve fazer gol no adversário e defender sua própria meta, não ultrapassando a metade da quadra) e “Dois toque é touro” – rodinha em que o primeiro a tocar duas vezes consecutivas na bola se torna o touro, ou “bobinho”, que ficará no meio da roda tentando interceptar um passe para sair do meio. Como muitos não conheciam essas brincadeiras, antes de começar fizemos uma roda de conversa e os alunos explicaram como brincavam em outros lugares.

A turma da tarde fez a aula no pátio, e as atividades foram “21” (variação de “dois toque é touro” em que quem vai para o meio da roda é o jogador que faz o 21º passe), “dois toque é touro”, além de uma brincadeira de 1 contra 1 com objetivo de conduzir a bola a determinado lugar antes do adversário.

Na aula seguinte, tanto alunos do 5º A quanto do 5º B da escola Izabel Ferreira fizeram o “desafio do travessão” (chutar a bola com o objetivo de acertar o travessão) e “drible”. Percebendo que os alunos que não tinham habilidade ainda não estavam se envolvendo de forma espontânea nas aulas, pedi que as crianças levassem para a próxima aula tampinhas de garrafas tipo PET.

Comecei a aula perguntando às crianças se alguém conhecia o “futebol de tampinha” e nenhuma conhecia. No futebol de tampinha os participantes desenham no chão um campinho com giz e a brincadeira consiste em fazer a sua tampinha cruzar entre outras com um peteleco, com o objetivo de fazer o gol depois de algumas jogadas (toda vez que a tampinha sai do campo troca-se o jogador). Todas as crianças participaram e se divertiram com a atividade, reconhecendo na prática que também este jogo poderia ser chamado de futebol, pois tinha “jogadores”, “bola” e “gol”, assim como no esporte. Mesmo os alunos que não haviam levado as tampinhas puderam brincar com botões de roupa que eu disponibilizei.

As aulas do projeto na escola Maria Luiza Jacowicz começaram na primeira semana de abril, e quando perguntei aos alunos quais práticas de futebol eles conheciam fora da escola foram relatados: pênalti, baía, “driblinho”, travessão, artilheiro, gol a gol, gol de cabeça, “21”, tourinho, paredão, pebolim, futebol de botão, futebol de sabão, futebol de prego, futsal, futebol de cego, futebol de vídeo game. Percebi que mais crianças desta escola tinham vivências com essas práticas. Depois de elencar as atividades os alunos praticaram “driblinho” e o “desafio do travessão”.

Na escola Izabel, em aula subsequente, os alunos praticaram “artilheiro”, que é uma atividade em dupla onde um fica no gol e o outro na linha, e o jogador de linha, ao receber um passe do seu goleiro, tem que chutar na meta de primeira. Quando convertido o gol, goleiro e artilheiro trocam as funções. Nesta ocasião os próprios alunos fizeram suas duplas, sem minha interferência. Os pares foram feitos basicamente por afinidade e as crianças não observavam se o parceiro ou a parceira tinha ou não habilidade no futebol.

A atividade seguinte foi “pênalti”. As crianças escolhiam se queriam defender ou chutar, sendo possível mudar de condição durante a brincadeira. Pela quantidade de alunos e apenas duas traves, se o gol fosse convertido entraria outro goleiro ou goleira, e se a criança que batesse o pênalti não convertesse iria passar a vez e quem estivesse no gol permanecia.

Na outra aula foi a vez do “desafio de embaixadinhas”. Os alunos fizeram duplas e alternando entre eles (com um quique da bola no chão) faziam o maior número de embaixadinhas possível. Depois um dos alunos mais habilidoso da turma da tarde propôs fazer o desafio individualmente e sem a bola quicar.

Na mesma semana, quando fui encontrar os alunos do 5º A na escola Jacowicz, a professora de sala me alertou de que houve discussão entre os alunos por conta da final do Campeonato Paulista de Futebol que acontecera no dia anterior, em que o time do Corinthians sagrou-se campeão sobre o Palmeiras. Levei os alunos para a quadra e percebi que ainda estavam provocando e tirando sarro, e uma aluna havia chorado

por ser palmeirense e ter se sentido ofendida por uma colega que havia “imitado um porco”. Conversamos sobre a importância da torcida, sobre o fato de ter uma única torcida nos estádios e sobre o que os alunos pensavam a respeito desta medida cautelar nos jogos de futebol. Eles disseram que era uma medida necessária por causa das brigas e violência entre torcidas. Uma aluna que tem um primo jogador profissional disse que não pode ir a um jogo do primo quando é um “clássico”, por precaução da família, que teme as brigas. A prática dessa aula foram as atividades “21” e “gol a gol”.

A próxima aula teve “dois toque é touro” e “gol de cabeça”, que eu não conhecia. Os alunos explicaram que era um trio que desafiava o goleiro, de forma que deveriam fazer passes altos entre si até o melhor momento para que um deles cabeceasse a bola para o gol. Então falei para as crianças formarem grupos com goleiro. Depois de algum tempo sem conseguirem se organizar uma das alunas disse para eu fazer os times, e então montei quartetos aleatórios. Logo nos primeiros momentos alguns começaram a reclamar que estava muito “ruim” e então preferiram escolher os próprios times. Os grupos formados foram espontaneamente mistos, e observei que quando um dos alunos era mais habilidoso que outro geralmente se preocupava em passar a bola para os demais. Não interfeiri nesse sentido.

As duas aulas seguintes na Izabel foram “gol de cabeça” e “Baía” – dois jogadores trocam três passes entre si antes de chutar para o gol. Caso o goleiro consiga tocar na bola, os jogadores de linha cobram pênalti. Dependendo se o pênalti acerta o travessão, a trave, o gol ou se o goleiro defende, voltam as duas cobranças, uma cobrança ou inverte o goleiro com o jogador de linha. Nos dois casos os alunos formaram seus grupos e a atividade foi por tempo. Na escola Jacowicz as atividades foram “21” e “gol a gol” na primeira aula, e na segunda “dois toque é touro” e “gol de cabeça”.

Na aula subsequente na Izabel fizemos uma prática de escolinha de futebol. A atividade consistia em alternar posições no centro e na roda. Assim um aluno por vez fazia um passe para o colega que está no centro e depois, estando no centro, recebia um passe do aluno que estava na roda. Os alunos que conheciam a atividade disseram que a praticam como

aquecimento no treino. Como nem todos os alunos conheciam o exercício levou algum tempo até que todos entendessem a dinâmica. Na mesma aula foi feita uma atividade onde os alunos deveriam tocar na bola apenas uma vez e deixar pingar antes de chutar para o alto para que outro desse prosseguimento. Muitos alunos tinham dificuldades para chutar na direção certa. Depois das atividades realizadas fizeram novamente “gol a gol”.

A segunda aula da semana foi novamente o desafio de chutar a bola para ser agarrada no ar. Depois da bola de borracha os alunos chutaram bolinhas de tênis. A turma da manhã não conseguiu cumprir o desafio e após começar e recomeçar a atividade, esta foi descartada. A turma da tarde fez sem problemas.

O “futebol de tampinha” agora foi na Jacowicz. Nenhum dos alunos conhecia a brincadeira, mas gostaram muito. Eu não havia pedido aos alunos tampinhas, então utilizaram botões. No final da aula pediram para deixar os botões com eles para continuar brincando no recreio. Não deixei, pois usaria com outras turmas, então solucionaram o problema buscando pedras e outros materiais.

Um dos alunos do 5ºB falou que seu pai havia feito para ele um campinho de futebol de prego – uma espécie de tabuleiro com alguns pregos fixados, representando os jogadores, de forma que uma moeda é empurrada com a ponta do dedo entre eles percorrendo um caminho até o gol – e levou para brincarem. Metade da turma preferiu continuar no futebol de prego a fazer outra brincadeira.

Na aula seguinte os alunos fizeram as atividades que haviam sido ministradas na outra escola no começo da semana.

Na escola Izabel os alunos tiveram acesso à origem da copa do mundo e países participantes através do You Tube. No fechamento desta aula fiz um quiz de perguntas.

Em dia posterior os alunos jogaram 5 contra 5, comigo apitando. Na escola Jacowicz os alunos também viram a teoria e fizeram o quiz. A aula subsequente também foi jogo, mas como havia certa resistência de alguns alunos que não queriam jogar eu montei as equipes. No torneio, quem não quisesse jogar participaria de outra forma (customizando

uniformes, cartazes, cartões). Um dos alunos de fora foi o árbitro. A aula seguinte também teve jogo. Montei um pequeno torneio e usei a aula para explicar alguns sistemas de disputa.

A atividade da sequência na escola Izabel envolveu uma etapa voltada ao produto final, que seria uma copa do mundo interna com os alunos dos terceiros, quartos e quintos anos, também meus alunos.

Os quintos anos fizeram o regulamento geral, o 5ºA fez o da manhã e o 5ºB o da tarde. Os jogos eliminatórios seriam nas aulas. Neste dia os alunos do 5º A decidiram quem jogaria, e houve sorteio dos países, que seriam também estudados com as professoras polivalentes. À tarde os alunos preferiram que eu sorteasse as crianças do time em vez de eles escolherem.

No dia seguinte as turmas da manhã e da tarde começaram as eliminatórias. O time do Egito, da tarde, teve um impasse: decidir quem começaria na reserva. A primeira solução, dada por um dos meninos, foi que uma menina saísse. Para minha (grata) surpresa, essa aluna questionou o motivo de ela e não outra criança começar fora. Alguns meninos do time sugeriram “zero ou um” entre as meninas para decidirem qual delas sairia. As meninas não concordaram. Então o aluno reserva foi decidido por “zero ou um” entre todos, independente de gênero. Neste mesmo período de aulas providencialmente uma aluna nova integrou a classe e desde a primeira prática chamou a atenção de todos por jogar muito bem

Na semana seguinte os alunos da Jacowicz fizeram seu primeiro jogo eliminatório entre as equipes “A” e “B”. Neste período do cronograma as aulas eram alternadas entre o projeto e ensaios da festa junina. As aulas seguintes tiveram mais dois jogos eliminatórios para cada turma, definindo a final, um jogo interclasses.

Os alunos da manhã da Izabel disputaram mais duas partidas. À tarde só havia um 5º ano e nenhum 4º, então não haveria interclasses. Foram mais cinco jogos para classificação, também por pontos corridos.

Na Jacowicz houve aula teórica, escolha das seleções e “cinco minutos ou dois gols” (jogo de futsal com o tempo de 5 minutos, ou se um dos dois

times fizesse 2 gols a partida seria encerrada). Para o 5º A os países foram Portugal, México e Alemanha; o 5º B ficou com Argentina e Colômbia.

Os alunos da Izabel tiveram as próximas aulas com vídeos teóricos sobre mascote e VT de um jogo entre Brasil e Argentina. Também foi feito o sorteio dos árbitros das partidas.

Na Jacowicz os alunos fizeram bandeiras do país que o time representaria além de outros aparatos para o jogo e para o evento. Os alunos também colaboraram com a montagem de um painel expositivo sobre os resultados dos jogos da copa do mundo 2018.

Na aula anterior à final os alunos da Izabel fizeram os uniformes. No dia 12 de junho foi encerrado o projeto com Coreia do Sul (5º A) vencendo a equipe do 4º ano de manhã. Na cerimônia teve entrada das bandeiras, Hino Nacional e de Votorantim antes dos jogos. Depois da premiação algumas professoras e funcionários jogaram uma partida recreativa.

A final na Jacowicz foi adiada duas vezes porque não tinha trave, até que resolvemos colocar cones no lugar do gol. O jogo foi apitado por um aluno do 5º A tendo como auxiliar um aluno do 5ºB e a minha supervisão. O 5ºA (Portugal) venceu e não houve encerramento oficial com desfile, hino nacional e da cidade porque não conseguimos terminar ao mesmo tempo o projeto com todas as salas (os três professores de Educação Física).

Uma das escolas em que trabalhei com o projeto oferecia uma boa infraestrutura tanto de local quanto de materiais, além da possibilidade da compra do que estivesse em falta. Quando necessário eu levava material de uma escola para a outra (considerando que ambas pertencem à mesma rede de ensino). Quando faltou na apresentação do produto final a trave na escola Jacowicz, adaptamos com cones para não se delongar mais o encerramento do projeto.

Como nem todas as atividades no projeto privilegiavam a necessidade de habilidade motora esportiva específica, em pelo menos algum momento todos os alunos sentiam-se à vontade para participar, pois mesmo que não fosse protagonista no domínio de bola sabia que poderia ser em outra experimentação prática ou atividade que contribuiria no evento (torcida, confecção de desenhos, arbitragem).

Conflitos disciplinares foram resolvidos, quando possível, com a reflexão e solução dos próprios alunos (inclusive quando existia a figura do “juiz”) ou com intervenções minhas como mediadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto copa do mundo foi enviado a todas as escolas de Votorantim e deveria ser desenvolvido de forma interdisciplinar pelos professores de Educação Física e os polivalentes. Apesar de termos tido liberdade na aplicação, o guia enviado preconizava práticas mais tradicionais onde “na quadra” os alunos jogam e “na classe” os alunos aprendem sobre os países.

Foi interessante abordar o futebol de maneira que os alunos pudessem protagonizar atividades que já conheciam de outros ambientes, podendo vivenciá-las com os colegas na escola. Outro fator que contribuiu para o enriquecimento das experiências foi o desenvolvimento das aulas pautado no cotidiano, como um campeonato oficial que terminou no dia anterior e causou discussão; o uso de brinquedos que eles já tinham em casa; a questão de gênero, quando alguns alunos achavam que o correto é que as meninas esperassem de fora apenas pelo fato de serem meninas, enquanto que essas meninas puderam expressar sua discordância dos critérios que tentaram impor a elas. Também discutimos sobre a relevância e eficiência do futebol feminino nacional na ocasião.

De maneira geral acredito que todos os alunos que vivenciaram essas práticas tiveram experiências proveitosas independentemente se na parte de jogar com os pés, com tampinhas, com pregos, tentando acertar o travessão, apitando ou fazendo gritos de torcida, e que essas experiências contribuíram de alguma maneira na formação desses alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LE BOULCH, J. **O corpo na escola no século XXI: práticas corporais**. São Paulo, SP, Phorte, 2008.

NEIRA, M. G. (Como eu ensino) **Práticas corporais**: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas. São Paulo. SP, Melhoramentos, 2014.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação física, currículo e cultura**. São Paulo. SP, Phorte, 2009.

_____. **Pedagogia da cultura corporal**: crítica e alternativas. 2ª ed. São Paulo. SP, Phorte, 2014.

Recebido: 15 outubro 2018

Aprovado: 09 junho 2019

Endereço eletrônico:

Rubens Antonio Gurgel Vieira

rubensgurgel@hotmail.com